

os imigrantes tentaram mudar o contrato, mas Luzzardo não mostrou interesse.

Oito famílias fugiram da fazenda, enquanto as restantes buscaram ajuda com o japonês Mitori Kimura, que organizou a imigração. Por meio de reportagens em jornais – na época, havia exemplares em japonês –, a colônia nipônica de São Paulo ficou sabendo do problema e quitou a dívida dos imigrantes de Uruguaiana.

– A colônia cooperou. Era dinheiro uma barbaridade – diz o japonês Tomohiko Noda, misturando o sotaque nipônico com o palavrado gaudério.

Após 11 meses de sua chegada, 25 famílias deixaram a cidade em que sonhavam começar uma vida nova para se estabelecerem em Santa Maria.

### Eles resolveram ficar pelo Brasil

A vinda para Santa Maria era o segundo teste pelo qual esses japoneses iriam passar no país tropical. Mas, apesar das dificuldades, muitos imigrantes resolveram criar raízes: na cidade e, ainda hoje, estão aí para contar essa história.

O desenrolar da saga japonesa envolve, atualmente, 17 famílias, que integram a Associação Nipo-Brasileira de Santa Maria. São pessoas que se dividem entre os costumes trazidos de sua terra com os hábitos – já não tão estranhos – a que foram expostos no Brasil há 50 anos.

Não é difícil identificar um imigrante. E a dica não está apenas nos olhos puxados, no rosto arredondado e nos cabelos lisos e escuros. Ainda hoje, quem veio do Japão tem dificuldade de falar o português.

A família Noda, que mora no Parque Pinheiro Machado, é uma das memórias vivas dessa aventura nipônica. O casal Tomohiko, 69 anos, e Kazuyo Noda, 63, estava entre os imigrantes de Uruguaiana e vieram à cidade para trabalhar em lavouras. Sócios da Cacism, fazendeiros e empresários locais ajudaram a empregar os japoneses. Tomohiko, que é presidente da Associação Nipo-Brasileira de Santa Maria, tinha 18 anos quando pisou no Brasil. Kazuyo tinha 12.

– O Japão ainda não estava bom. Eu queria escapar, mas a minha família, não. Então vim sozinho – conta Tomohiko, que deixou a cidade de Kumamoto-Ken e conheceu Kazuyo no navio.

O casal conta que teve um choque cultural. A dupla estranhou, especialmente, a língua e a comida brasileiras. Acostumados a comer arroz, peixe, verduras e inúmeros temperos, os japoneses tiveram de se contentar com o nosso arroz (bem diferente do deles) e com o exagero no consumo das carnes de gado, porco e ovelha.

Tomohiko era sobrinho de Mitori Kimura, o homem responsável pela imigração. Ele conta que seu tio teve uma feira no mercado municipal que ficava na Rua Sete de Setembro. Foi ali que muitos japoneses começaram a se dar bem na vida. Alguns preferiram outros setores do comércio local.

O casal tem três filhos: Joni, Toni e Jorge. Os últimos dois trabalham no Japão. Dentro da casa, Tomohiko e Kazuyo preservam suas raízes ao guardar objetos da terra natal e ao fazer os pratos orientais.

Kazuyo tem um pedaço do Japão em sua cozinha, seja na louça, no chá verde, nas algas para fazer sushi, no saquê ou no manjū (tipo de doce de feijão). As comidas da imigrante fizeram tanto sucesso na vizinhança que ela tem feito pratos como sushi e queijo de soja para vender. O marido apoia a iniciativa, mas confessa:

– O que gosto mesmo é de churrasco.

Os Noda já não pensam mais em ir embora há algum tempo. Para Tomohiko, o Brasil é um lugar bom para morar.

– Brasil é um país bom de viver. Ele era atrasado, mas agora está crescendo, principalmente com essa história do biodiesel – aposta ele.



FOTOS CHARLES GUERRA

O casal Tomohiko e Kazuyo Noda mostra o desenho feito por um parente no Japão em homenagem à imigração japonesa. O desenho traz o cisne, ave comum no país, e significa a família que voa em bando para outro lugar. Ao lado, os produtos japoneses, encomendados de São Paulo, que permitem que Kazuyo faça pratos típicos. Abaixo, o casamento da dupla com direito a véu e grinalda e a quimono



REPRODUÇÃO



SEGUE